

A construção de um Deus

EDISON CAZALLAS

GESTALT & PSICODRAMA
A TERAPIA QUE VIROU ROMANCE

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Marta Aguiar

IMAGEM DA CAPA: © Depositphotos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C386c CAZALLAS, Edison. –
A construção de um deus / Edison Cazalas – Guaratinguetá,
SP: Penalux, 2019.
146 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-544-7

1. Romance I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

No início era o quintal.

Depois o mundo.

Dentro, Casto é Deus.

Fora, no mundo, Diabo.

Vida, morte; deus, diabo.

Tudo junto separado.

Mãe e filho eram quase o mesmo fenômeno.

O saber vinha do sabor das coisas.

“Joga o menino no quintal” era a frase dos maiores quando queriam fazer porcaria escondido dele.

O quintal era pequeno e feio, mas um enorme paraíso aos olhos divinos daquele menino castiço de cinco anos, sem pecado e com poucas palavras. Desde as fraldas, ele vinha crescendo ali, envolvido pela natureza crua, ao sabor da terra, das minhocas, das pedrinhas e da lama de uma poça que chamavam de laguinho.

A Terra girava nas rodas do tempo, em um vai e vem entre reformas de um passado em transformação e lembranças do futuro em construção. O presente era esse vaivém, um devaneio de realidade, memória e fantasia; uma terapia que virou romance. Então, fui escrevendo tudo neste livro: o velho reformando a sua criança; lembrando do futuro projetado na sua casta mocidade; e comparando com os resultados de agora. “Velho sem futuro não tem futuro e o meu futuro é a eterni-

dade” dizia Casto ao me apertar num abraço inesperado. Nele nasciam abraços do nada como crianças nascendo do chão.

— Pode pôr vírgula depois de “Nele”? Nele, nasciam abraços do nada, como crianças nascendo do chão. (Como fica melhor: com vírgulas ou sem vírgulas?)

A professora Gertrudes respondeu:

— Não há como falar de vírgula sem falar dos sujeitos: o verbo é nascer, mas abraços de crianças são como se fossem a própria ação do verbo, e é isso que gera a confusão para quem não tem firmes, os conceitos da gramática; e ainda cogita sobre o uso da vírgula como pausa para respirar...

— Mas... é da espontaneidade de Casto Ramalho que estou falando aqui! Deixa essa vírgula para os gramáticos e me ajude a escrever mais simplesmente, embora a minha erudição não deva ser um obstáculo à elite de leitores aos quais me dirijo.

Conhecer a intimidade desse meu consulente, desde a tenra idade até depois de se tornar um espírito, compensará todo o esforço a ser dedicado na leitura. Sou um engenheiro, professor de Física, que virou psicólogo. A falta de coesão textual, porventura notada durante a leitura, é atribuída à minha esquizofrenia congênita. Apesar disso, se ao final você tiver conseguido costurar uma colcha de retalhos como pano de fundo deste livro, terá em sua mente a personalidade viva de Casto Ramalho, a pessoa mais incomum e surpreendente que outra jamais conheci e, certamente, jamais conhecerei em toda minha vida.

Embora pareça insignificante, a diferença entre algo e o seu nome é gigantesca: a palavra está definida no pai dos burros (dicionário) e aparece no texto com a função gramatical de levar o leitor para dentro do escritor, pegar algo dele e trazer para si. Esse algo a que as palavras se referem pode ter um nome específico ou não. Mas ao final e ao cabo, o leitor deverá introjetar o escritor como se o próprio leitor tivesse escrito o livro. Enfim, as palavras nos levam a algo que eu poderia cha-

mar de “espírito da coisa”, mas que na verdade não tem nome. Se a relação entre mim e você, que me lê, não atingir o nível da empatia, é sinal de que o meu texto não prestou. Quero que você esteja para mim, assim como eu estou para Casto Ramalho. É isso! Escrevendo sobre esse meu amigo, conheço mais o mundo em que vivemos, e, conhecendo mais o mundo, eu mudo a mim e o mundo que conheço. Você também estará diferente ao terminar de ler a história de nosso amigo Ramalho.

O quintal era um pedaço da natureza ou toda a Natureza a o engolir e o absorver, absolvendo-o do Pecado Original e absorvendo-o como parte integrante, portanto, indissociável Dela.

Casto não era animal nem vegetal, nem mineral. Era uma fusão de tudo junto e separado. Um fenômeno psico-físico-químico, composto de tudo aquilo que se possa imaginar: luz, barro, sopro, espírito, pensamento, sensação, emoção, comportamento, mente, cálculos... e a construtividade linguística-narrativa, palavras formando uma estrutura ontológica, uma existência individual, um humano que, aqui, vamos psicologizar, sociologizar, antropologizar, teologizar, politizar, sexualizar e construir um ser que não é, apenas existe.

Ele era a própria Existência, um vir-a-ser! Casto, no quintal, era a parte que contém o todo. O homem que contém o todo que contém o homem, fruto do Perdão Original, conceito criado por ele por ocasião do seu segundo divórcio. Cada casamento durou a eternidade... Porém a infância foi o período mais eterno de todos. Eternidade é a sensação que se tem da vida sadia a cada instante. A vida e a morte juntas era a Vida!...

As galinhas do vizinho pulavam o muro para comer as minhocas e, em troca, botavam ovos no seu quintal. Seus gatos comiam pintos. Quem comia vivia e quem era comido morria. A vida e a morte era a Vida. Junto e separado.

Sob os olhos dele, o quintal era uma vasta pradaria sem ervas daninhas porque ele as arrancava, colocava-as a secar ao

sol para fazer sopa de moscas em fogueirinhas. Depois de mergulhadas e reviradas nas cinzas ainda mornas, elas surgiam novamente. Suas gatas, Mimosa, Bichana e Mimi, minhocas e borboletas aplaudiam.

(Aqui, você talvez note uma falta de coesão ou a dita esquizofrenia textual.)

Quando já septuagenário, disse a uma bela jovem de dezoito anos “comprearei, com o meu dinheiro, o teu amor verdadeiro” e ela sorriu um desafio. O velho a havia caçado na rua aos dezesseis, mas só dois anos depois descobriu que ela era mais endiabrada do que fora seu falecido irmão, Cremaldo. Ela já tinha a experiência de vir explorando vários idosos desde os nove até então, e acabara de matar um deles de paixão. Aos quatorze, engravidou e se juntou com o rapaz. O risco era grande e o velho Casto nem desconfiava. Era casto!... Porém, mais tarde concluiu que ele é quem havia sido a caça e ela, a caçadora. Essa Pantera, nada cor de rosa, era a mais poderosa da selva de pedra dominada como se fosse um território conquistado e escravizado, onde os escravos idosos forneciam a verba necessária à satisfação da sua felina diversão na cultura do “sexo, drogas e funk”.

De início, durante os primeiros anos, o amor não era verdade nem mentira, era apenas uma relação de “me ajuda que eu te ajudo”. Era apenas um meio de ele satisfazer sua saudável necessidade sexual. Assim ele continuava menino, e assim permaneceria até a morte.

A preocupação com as palavras perseguiu-o por toda a vida. Algumas (sexo, tabu, hipocrisia, familiar, por exemplo) eram as principais, porque serviram de marcos no desenvolvimento de sua parca sabedoria. Com estas, montou uma espécie de Jogo de Avelórios, contas de vidro colocadas em ordem cronológica em uma pauta musical, formando um sistema ao qual nomeou de Etimologia Subjetiva, com o qual podia explicar

a conquista do que ele chamou de “amor pela música da vida plena de saúde e felicidade”.

Apenas para citar um exemplo da sua exigência de cuidado com as palavras: Em uma dissertação com o título “O Casamento”, a professora do colégio, Gertrudes, riscou a palavra *familiais* e a trocou por *familiares*. Ah, ele ficou muito bravo. Quase tomou uma suspensão! Você acha que a diferença entre essas duas palavras seja sutil ou gigantesca em Casto Ramalho? Se você pensa que tal diferença seja gigante, no decorrer da leitura, verá que acertou. O pai dele só olhou nos olhos do filho uma única vez. A relação dos dois era nada familiar e tão somente, familiar (parentesco).

Um pouco mais da tal “etimologia subjetiva”: Quando Casto era feliz sem conhecer a palavra felicidade, “Mamãe” era a palavra inaugural para felicidade e, em seguida, “porcaria” veio a se referir a sexo, palavra esta, desconhecida durante longos anos de sua infância. Quando já idoso, concebeu a Etimologia Subjetiva e amarrou as duas pontas de sua terapia: “porcaria” e “chifrudo” – a primeira havia dado origem à palavra “sexo” e a segunda acabava de dar origem a “amor incondicional”, o *amor fati*. Foi o fechamento final da Gestalt de toda a sua vida. Finalmente, morreria feliz.

Em torno dele, já velho, eram muitas as candidatas a venderem seus amores inicialmente falsos. Ele se apaixonava por quase todas, uma de cada vez. Mas o caso com a Pantera foi o que mais o feriu mortalmente. Parece que precisava errar infinitas vezes para aprender, pois custou-lhe um bom dinheiro e muito sofrimento aprender a se divertir com elas, sem se envolver no desastre da paixão de um amor verdadeiro, mas doentio. Viam nele o que chamavam de Velho Trouxa. Nisso, ele sempre continuaria casto. No entanto, como dinheiro não lhe faltava, estava com todas que apareciam. Havia de provar que “dinheiro compra tudo. Compra até amor verdadeiro”. Todos

tinham pena dele, menos a Pantera que o punha no chão e pisava como se estivesse matando uma barata. Horas depois ela lhe sorria e ele se erguia como se nada tivesse sofrido. Por dentro, a ferida crescia no orgulho ferido. Ela o chifrava e ao marido em todas as oportunidades diariamente e ele não conhecia a conotação da palavra “chifrudo”. Já o marido dela, este surtava pelo fato de ela já o haver traído com todos os amigos dele, mais todos os velhos do bairro, e a enchia de porrada. Casto, com todo amor e carinho, cuidava dos ferimentos e ossos quebrados. Punha-a de pé de novo e, de novo, ela aparecia toda machucada. Isso virou rotina, durante anos a fio...

Quando ele sabia que ela estava com outro, doía-lhe o peito, o coração errava o compasso e faltava-lhe o ar. Então, acendia um cigarro e ficava a pensar como poderia fugir desse amor doentio. Chorando no meu ombro amigo, num desabafo alcoólico desses momentos de solidão, rabiscou no guardanapo esses versos “quase heroicos”:

*“Agora... a fumaça do cigarro
Esvai-se da boca, virando nada...
No vago pensamento desamarro
Nós da minha... alma... alucinada”*

Já não era amor, já não era paixão, o que ele sentia por ela era obsessão. O que mais consumia a sua saúde física e mental não era a dor da sua própria ferida, mas sim, a sua indignação diante da tamanha desfaçatez dela, perante tantos homens, jovens e velhos, que lhe dedicavam alta consideração de amizade e amor. Quanto mais ela amarrava o coração de um velho, maior insolência e desprezo ela demonstrava. Em vez de agradecer pelos caros presentes recebidos, ela se comportava como se tivessem caído do céu ou como se fosse mera conquista da sua capacidade de maltratar o ano inteiro e de-

pois ser presenteada em cada data festiva. Com isso, a soberba se engrandecia! Casto nem desconfiava do perigo de morte que corria ao seu lado.

(Aqui, talvez outro salto textual esquizofrênico.)

Mudas de cana e de bananeira cresciam junto com ele ao som de chilreados, miados e cacarejos. Formigas cochichavam ao pé do ouvido. Indo e vindo, paravam para conversar um pouquinho. Quais palavras elas sabiam falar e ele não? Na luz de hortênsias, margaridas e violetas, abelhas e borboletas também iam e vinham de flor em flor. Elas sabiam falar com as flores. Quantas não importava porque em toda pradaria, para ser bela, bastava uma flor: Um solitário girassol.

Um dia sua mãe o tirou do quintal e o levou à casa de sua amiga vidente, a Dona Dindina. O filho dela já era grande e a casa não tinha quintal. Casto ficou meio que perdido fora do seu paraíso e sem a sua Mamãe.

No dia seguinte, deram-lhe banho. A empregada estava a pentear o cabelo do menino com cuidado e carinho. Castinho não se conteve e começou a chorar. A dona da casa, preocupada, veio correndo averiguar o que houve. Envergonhado, se esforçando para segurar o choro, balbuciou triste: “Ela puxou o cabelo”. Era o pretexto dele para estar chorando.

A patroa, diante da interjeição de espanto gesticulada pela empregada de olhos arregalados, impôs firme e carinhosamente:

— Deixa de fingir! Fala a verdade, menino!

— Eu quero a Mamãe... - soltou o choro chorado. Quando Dona Guiomar chegou, Castinho correu para o abraço com beijo e a amiga exclamou:

— Que felicidade! O garoto aprendeu a palavra autêntica “felicidade”.

A fala autêntica é um fenômeno de expressão do corpo: Expressa verdades que emergem do impensado. Cria significação imediatamente, sem interferência do pensamento.

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em julho de 2019.
